

- Por que as mulheres não são regentes?
- Creio que o problema é o físico. Uma Orquestra exige de um regente capacidade de resistir a um concerto durante várias horas, em pé, além de ensaiar intensamente.
- Qual é a coisa mais importante do mundo?
- Amar plenamente.
- Qual é a coisa mais importante para uma pessoa como indivíduo?
- Respondo com a resposta anterior e acrescento: analisar, produzir.
- Que é o amor?
- O amor é imponderável. Só sei que existe e é difícil imaginar viver-se sem ele.

TEREZA SOUZA CAMPOS

"SOU NADA PARA MUITA GENTE E
TUDO PARA O MEU FILHO"

Tive a curiosidade de entrevistar Tereza Souza Campos porque eu não simpatizava com ela. A "mulher mais elegante" não me interessa. Há problemas mais sérios do que a moda, individuais e não-individuais.

Quando telefonei para marcarmos o diálogo e o ponto de encontro — Country Club, escolheu ela — expliquei-lhe que, apesar de ela ser o primeiro figurino do país, não era sobre isso que eu a entrevistaria. Ela riu brincando: "Mas ser o primeiro figurino do país já é alguma coisa!" Nada respondi. No entanto, responderia: queiram os céus, que Tereza não seja apenas o primeiro figurino do país, que senão terei que lhe explicar o que é uma "pessoa". E que o Brasil precisa de muito, e não precisa de nada de primeiro figurino.

Enfim, este é o mundo em que vivemos, e em todos os países do mundo há as mulheres que se dedicam de corpo e moda à elegância para se sobressaírem de qualquer modo. Para isso é preciso ter dinheiro, bom-gosto, preocupação com o assunto, ousadia etc.

Acontece que por ocasião do telefonema tive que ficar em guarda: a voz de Tereza era expressiva e me agradava. Iria ela me conquistar para o seu lado? Não, não sou fraca.

E assim nos encontramos. Tereza é diferente do que aparece nas fotografias e, lamento dizer, é bem mais simpática. Eu tinha que ficar realmente em guarda, porque minha tendência é gostar das pessoas. E até dos meus inimigos, que não considero inimigos.

— Tereza, sua principal ocupação é a moda, não há dúvida. Em segundo lugar o que é que vem?

— Minha primeira preocupação é existir. Depois é que vem todas as outras.

— O que é que você entende por existir?

— É ser tudo o que eu sou.

— E o que é que você é?

Ela ri, repete: "o que é que eu sou?"

Longuíssimo tempo se passa: a pergunta, além de inesperada, é realmente difícil de responder. Sobre tudo se a pessoa mergulhar dentro de si para encontrar a resposta. Parece que isso aconteceu com Tereza: seu olhar tornou-se profundo e, embora de olhos abertos, eles estavam virados para dentro. A partir desse momento a simpatia crescente por Tereza aumentou e se estabeleceu. Afinal não é culpa dela se o mundo está organizado como está.

— O que é que eu sou? — repetiu ela.

Procurei facilitar Tereza, dando um exemplo: "superficialmente e resumidamente falando, Tereza, eu sou mãe de meus filhos e escrevo romances e contos. Superficialmente, repito, é isso o que eu sou. E o problema social me angustia: eu também sou isso".

— O que é que eu sou? Nada e tudo.

— Nada em quê?

— Nada para muita gente e tudo para o meu filho que é uma evolução minha e uma renovação constante para mim.

Tereza disse sobre moda que o fato de achar em-na tão elegante nunca partiu dela. Que na verdade o que faz é o que todas as mulheres fazem de um modo ou de outro: "vou à costureira, escolho o que mais me agrada. A moda não é minha preocupação constante. Eu tenho pretensões mas não sou pretensiosa".

— Quais são as suas pretensões?

— No caso — disse rindo, — é não andar nua, mas pretendo que estou num mundo onde existem coisas mais importantes e avançadas.

— Se você não fosse Tereza Souza Campos, o que é que você gostaria de ser?

— Eu tinha que ter sido Tereza Souza Campos. Acreditado que as coisas acontecem por destino. Você pode malnejar com ele, dar um jeitinho no destino, mas não há como escapar verdadeiramente.

— Qual é o seu arrependimento maior na vida?

— Tenho muitos arrependimentos. Ainda bem que eu posso voltar atrás. Onipotente é Deus, não eu. Prepotentes são os medíocres, os que não têm maleabilidade quanto à vida.

— Você tem tempo para ler?

— Não tenho muito tempo para ler, mas leio o que pode me manter atualizada, revistas, jornais. Não vou te dizer que fico sentada em casa lendo Proust...

— Qual é a mulher que você mais admira? no tempo e no espaço?

— Admiro todas no tempo e no espaço porque cada uma delas tem o seu lugar no tempo e no espaço. E nas mulheres preeminentes admiro suas qualidades.

Tereza é inteligente: nenhuma pergunta a deixa en-
rascada. Quando não tem resposta — e é muitas vezes
realmente difícil dar uma resposta precisa, sobretudo para
uma pessoa franca como Tereza que não me pareceu
mentir — quando não tem resposta precisa, “maneira”.
Devo dizer que Tereza e eu tivemos conversas além das
que estão sendo publicadas: são mais da intimidade dela,
e respeito-a.

— *Quantos filhos você tem e qual é o sistema de
educação que você naturalmente adota?*

— Tenho um filho de dezenove anos. Acredito muito
na relação íntima entre pais e filhos. Não como no pas-
sado em que havia uma distância total entre eles. Sou
uma pessoa que pensa muito. De modo que tudo o que
eu faço é plenamente consciente.

— *Por quem você torce na guerra do Vietnã?*

— Torço para que essa guerra acabe de uma vez, tor-
ço por uma solução.

— *Qual é a sua maior vocação, Tereza? quero dizer:
a vocação frustrada.*

— Frustrada? (fez uma espécie de muxoxo). Acho
que não tive vocação frustrada, eu aprendo todos os dias
um pouco de tudo. Não tenho nenhuma vocação determi-
nada, mas não me sinto frustrada.

— *Fale-me um pouco de sua cidade natal, de suas
recordações. Você é de Uberaba?*

— Não, de Ubá, Minas Gerais. Mas estive poucas
vezes lá. Mamãe morava aqui e quando ia ter filho partia
para Ubá porque aí moravam meu avô, minha avó e toda
a família. Estou muito contente de ter nascido lá, isto é, de
minha “mineirice”. O importante não é ter nascido num
lugar e si as raízes de família.

— *Qual foi a sua maior alegria na vida, ou as
maiores?*

— Tive grandes alegrias na vida. Estou alegre de
— Tive grandes alegrias na vida. Estou alegre de
manhã quando acordo... Sobrevivência não é uma aie-
gria, Clarice? — disse Tereza rindo. — Em todo o caso
não poderia contar todas as alegrias, alegrias mesmo, de
minha vida. Você esperava por acaso que eu dissesse que
a maior alegria foi o nascimento do filho? Não seria ver-
dade, porque a dor é terrível. A alegria vem antes, no ato
de procriá-lo.

— *Qual foi a sua maior tristeza?*

— No dia em que perdi meu pai. Eu... — Tereza
não pôde conter as lágrimas — desculpe, é que foi muito
recente. Eu o achava tão excepcional. Tinha tal afinidade
com ele.

Ficamos durante algum tempo em silêncio. Ela cho-
rava.

— *Tereza, o que é que realmente importa?*

— Tudo. Os valores são relativos, o que pode im-
portar a você pode não importar a mim, e assim por diante.

— *Que é que você pensa quando pensa nas pessoas
que não têm o que comer: você sente pena delas ou acha
que o mundo precisava ser reformado? Ou ambos?*

— Tenho pena que o mundo não possa proporcionar
a todos a oportunidade de comer, viver, trabalhar. Tenho
pena, mas se você passar o dia inteiro pensando nisso,
você pára de existir. Que o mundo está se reformando,
é uma evidência.

— *Como esta deve ser a primeira vez que dialogam
com você sem ser a respeito de moda e beleza, eu que-
ria saber como você se sente tratada por mim como pes-
soa humana e não apenas uma elegante. Foi agradável ou
desagradável? Para o diálogo não falhar, seja por favor
sincera: não se engane: o público percebe nas entrelinhas
a realidade.*

— Sou uma pessoa que pensa muito na vida e tenho
algumas idéias (r!). E acho que você me tratou elegan-
temente, concluiu rindo.

Enfim, contra a minha vontade (estou sorrindo), to-me-me de grande simpatia por Tereza. O seu modo de vida não é culpa dela: ela faz parte de uma engrenagem não evoluída. Tenho certeza de que Tereza Souza Campos, em situação diferente, poderia ter grande valor. Ela é o que se chama "une femme d'esprit".

IVO PITANGUY

"MEU HOBBY É O MEU TRABALHO"

Vi Ivo Pitanguy, pela primeira vez, numa noite de autógrafos. À minha frente estava um homem moço, de olhar alerta e direto, mas sem ferir. Havia comprado um livro meu, perguntei-lhe: para quem é o autógrafa? Disse seu nome, o que me fez olhá-lo com curiosidade: "Ivo Pitanguy Filho?", perguntei. Não, não era. "É que eu imaginava o senhor como homem já de certa idade." Ele sorriu, e no sorriso ficou ainda mais moço. Depois vim a conhecê-lo melhor em jantares na casa da escultora e embaixatriz Maria Martins. Desde então ficou tacitamente claro que nós éramos amigos. No início sabia dele o que alguns sabem: é um embelezador de mulheres. Sabia de seu trabalho na Santa Casa, onde de graça reconduz à vida normal seres deformados e por isso de alma destruída. Sabia do que ele fizera por ocasião do grande incêndio do circo em Niterói: havia dado sua ciência, seu trabalho ininterrupto, sua equipe médica, remédios, amor enfim.

— Como se resolve, Ivo, o problema de ser ou não profissional ao máximo? Sendo profissional ao máximo,